

ARTE É COISA DE ARTEIRO!

Marcelo de Souza Marques¹

Um dia desses, como mais um daqueles dias que, infelizmente, têm sido cada vez menos comuns, naqueles espasmos de vida nos quais a gente resolve não fazer nada, sabe? Resolvi ir à praia. Meio pálido, um tanto desanimado – como sempre –, resolvi chamar alguns amigos de longa data.

Cheguei mais cedo do que o combinado – muito previsível. Aos poucos, os banhistas enchiam a praia. Gente e mais gente, gente diferente, gente igual... E a areia enchendo. Enquanto esperava o bendito garçom, e meus malditos amigos – apostei comigo mesmo quem chegaria primeiro –, percebi uma criança inquieta, correndo para um lado e para o outro. Um pouco de longe, mas sempre atenta, também percebi a mãe, que percorria com os olhos por entre os guarda-sóis buscando o arteiro.

Com seus baldinhos e rastelos, a criança insistia em fazer a sua arte. Riscava a areia, esboçava um castelo, e logo chegava a onda destruidora! Em vão, o pobre coitado tentava fazer uma espécie de proteção contra as ondas com areia molhada e um buraco, a fim de represar a água. Depois de algum tempo, talvez diante da certeza do insucesso, resolveu fazer a sua arte na área fofa, agora distante das ondas.

Arranhando a areia com o rastelo, desenhando sabe-se lá o quê, o arteiro deixava respingar areia, ou melhor, doses da sua arte, nos banhistas. Com olhares de reprovação e sorrisos amarelos voltados ao pobre coitado, a criança seguia incessantemente brincando, desenhando, rabiscando, fazendo arte!

Vendo o que se passava, a mãe logo se levantou... Pegando-o pelo braço, com claro sinal de reprovação, jogando sorrisos curtos para os banhistas, bradou: Para de fazer arte, menino!

Para de fazer arte, menino...

Meus amigos chegaram!

¹ Doutorando em Sociologia | Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS)

E a praia continuou.

Gente chegando, gente saindo... e nada do garçom!

“Para de fazer arte, menino!”... ressoava.

Conhecida de todos, certamente, e talvez por isso o despertar, ecoou por horas. Mas, afinal, o que é a arte senão rabiscos fortes, às vezes despreocupados, aquele algo que se (re)faz constantemente e mergulhado na capacidade imaginativa de uma criança arteira?

Aquela mistura de traços, cores e ranhuras, às vezes um tanto sem controle, malemolente, livre, torto, outras vezes demasiadamente pressionados, sabe? Aquela bagunça que, quando menos se espera, transborda, extrapola o espaço destinado, delimitado... rabiscando as bordas e colorindo a vida, jogando arte ao vento, chamando a atenção, provando, o arteiro se (re)faz como obra e como obreiro da arte. Como aquela criança teimosamente riscando a areia solta da praia, incomodando, brincando, jogando arte nos outros.

A presença do arteiro às vezes é censurada, reprimida, combatida. Mas é só virar as costas que lá vem a minha criança de volta, correndo, experimentando, criando.

Definitivamente, para mim, a arte é coisa de arteiro!

Recebido em: 17/09/2022

Aprovado em: 10/12/2022

Publicado em: 28/12/2022



10.29281/r.decifrar.2022.2a_12